

NARRATIVAS: RECORDAÇÕES DE MEMÓRIAS DE INFÂNCIA

Aline Arend

Resumo: Neste artigo apresento parte do estudo desenvolvido ao longo da investigação de Mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria. Fazendo uso de uma investigação biográfica narrativa e poética, cujo enfoque é sobre memórias de infância e livros-objeto, o estudo busca estabelecer relações entre elementos da memória de longo prazo e a criação artística contemporânea a partir de recordações, fotografias, gravuras e objetos pessoais da artista.

Palavras-chave: narrativa, poética, memórias de infância, livros-objeto.

Abstract: In this article I present part of the study desenvolvido along the Master's research in the postgraduate Program in Visual Arts at the Federal University of Santa Maria. Making use of a narrative and poetic biographical research, whose focus is on childhood memories and books object, It is a study that seeks to establish relationships between elements of long-term memory and contemporary artistic creation from memories, photographs, prints and personal objects of the artist.

Keywords: narrative, poetic, childhood memories, books object.

O uso de recordações de infância no desenvolvimento dessa investigação, advém da necessidade de utilizar parte das vivências pessoais e cotidianas como referência nas produções artísticas, na tentativa de recordar, compreender e refletir sobre inquietações e necessidades em torno da construção da minha subjetividade. Portanto, a memória enquanto referência, matéria ou conceito da Arte é abordada como uma maneira de pensar e discutir a efemeridade das vivências, de nossos corpos, de nossas relações afetivas e de nossas histórias.

A autora Anna M. Longoni (2003) explica que existem variados tipos de memórias, entre elas situa a memória de trabalho e a memória de longo prazo. A noção de memória de trabalho é recente (1980) e tem, em parte, substituído a noção da memória de curto prazo (manutenção temporária das informações). Evidentemente, é fundamental a função da memória de trabalho nas diversas situações da vida cotidiana. “Não funciona simplesmente como um depósito temporário, mas, sim, como um

elaborador de informações durante a execução de diferentes tarefas cognitivas, como, por exemplo, a compreensão, o aprendizado e o raciocínio.” (LONGONI, 2003, p. 9).

Diferentemente disso, a memória de longo prazo possui capacidade de armazenar informações praticamente ilimitada e as informações podem permanecer por tempo indefinido. Ao armazenar os fatos, trabalha de modo constante, fazendo associações, e, além disso, as associações preexistentes são usadas para apreender novas informações. “Isso faz com que cada um de nós possa recordar aspectos diversos de um mesmo evento, segundo os seus conhecimentos precedentes. Os conteúdos da memória de longo prazo não são, portanto, independentes entre si, mas organizados com base em certas características.” (LONGONI, 2003, p. 17) Meu interesse e compreensão destas diferenças permitiu dar seguimento à pesquisa poética com mais ponderação, já que pude ter maior clareza de que o lembrado e rememorado tem implicações tanto de ordem física, quanto emocional, o que repercutiu diretamente neste estudo.

A Casa de Infância

Nossa casa de infância é um lugar único e é nela que construímos nossas primeiras impressões sobre os objetos, as pessoas e o mundo. É nesse ambiente que as cores e as texturas marcam os momentos que nos acompanham pela vida.

A casa não vive somente o dia-a-dia, no fio de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos. Quando, na nossa casa, voltamos as lembranças das antigas moradias, viajamos até o país da Infância Imóvel, imóvel como o Imemorial. Vivemos fixações, fixações de felicidade. Reconfortamo-nos revivendo lembranças de proteção. [...] Evocando as lembranças da casa, acrescentamos valores de sonho; nunca somos verdadeiros historiadores, somos sempre um pouco poetas e nossa emoção traduz apenas, quem sabe, a poesia perdida. (BACHELARD, 1974, p.201)

Sobre as lembranças da casa de infância, é importante lembrar que a família também exerce uma grande função na construção da identidade e subjetividade, pois ela sustenta e assegura a união do sujeito ao mundo social. Outras influências também são

importantes nessa construção, como, por exemplo: os móveis, os objetos de uso comum no cotidiano e demais utensílios do lar pertencentes a esses espaços. Todos eles unem-se ao sujeito com significados próprios e tornam-se parte constituinte de sua estrutura identitária durante a vida. Gaston Bachelard (1974), em seu livro *A poética do Espaço*, fala a respeito do lembrar da casa de infância: “Tudo o que devo dizer da casa da minha infância é justamente o que me é necessário para me colocar numa situação de onirismo, para me colocar no bojo de um devaneio em que vou *repousar* no meu passado” (BACHELARD, 1974, p.205).

Dentre tantas memórias de infância, lembro-me fielmente dos bibelôs que minha mãe colecionava sobre a estante antiga de madeira. Eram pequenos instrumentos musicais, um violino, uma arpa, um piano...A estante ficava em um dos cantos da casa, ao lado de uma janela que compunha o corredor. Ao chão, entre a estante e a janela, havia uma máquina antiga de costura a qual sempre pensei que fora uma herança de família, mas até hoje não sei exatamente. Mesmo assim, costumo relacioná-la com minha mãe, pois costura desde muito jovem. Sobre os cantos da casa, Bachelard (1974) salienta que

é graças a casa que um grande número de nossas lembranças estão guardadas e se a casa se complica um pouco, se tem porão e sótão, cantos e corredores, nossas lembranças têm refúgios cada vez mais bem caracterizados. Voltamos a eles durante toda a vida em nossos devaneios (BACHELARD, 1974, p.202).

A cortina que abraçava a janela junto aos raios de sol, criava uma iluminação linda com pontos de luz sobre a estante e os objetos que nela se encontravam. Também haviam outros objetos, alguns livros e enciclopédias que muito utilizei nos anos escolares. E também, havia uma coleção de moedas antigas do meu pai. Recordo-me de cada detalhe, das capas dos livros, do pote onde guardava as moedas, da cor da madeira, do cheiro dos livros guardados, das flores em pequenos vasos em cima da estante, do tramado aberto da cortina que possibilitava ver a paisagem através do vidro, do cinzeiro de metal que minha mãe ganhara e da poeira que delicadamente pousava sobre tudo.

Nas manhãs, acordava com o cantar do galo soando pela janela. Ainda sinto, como se fosse aquele tempo, o cheiro de embuia, o barulho de pratos batendo e as conversas vindas da cozinha. Rememorando mais detalhadamente o quarto de minha

infância, lembro-me das diversas mudanças que minha mãe fazia, adorava trocar os móveis de lugar, mas nunca se desfazia deles. No quarto, havia duas camas de solteiro, uma para mim e outra para minha irmã; dois bidês, um guarda roupa de seis portas, uma sapateira com porta e gaveta e uma escrivaninha para os estudos. No tecido da colcha das almofadas e cortina, lembro-me da estampa de nuvens brancas flutuando sobre um céu rosa e, nas paredes, quadros com fotografias e desenhos. Nos bidês, ficavam pequeninos bibelôs sobre duas toalhas brancas bordadas. Ganhava muitos bibelôs de presente de amigos e colegas da escola em meus aniversários. Costumávamos chamar os bibelôs de anjinhos, pequenas esculturas de gesso normalmente em forma de crianças com asas.

A casa de infância, como o bairro, os objetos, ou seja, os lugares por onde passamos durante a vida, inevitavelmente compõem quem somos. Deste modo, busco incorporar no trabalho poético um diálogo entre as memórias pessoais em conjunção a elementos que me ajudam a interpretar a memória de forma um tanto palpável, como caixas, arquivos, gavetas... Elementos estes que se relacionam aos mecanismos da memória, com o guardar, manter, permanecer.

Essa relação entre memória e arquivo; memória e caixa, reverberou na construção de três séries de trabalhos, ambas compostas por livros-objeto, que compuseram minha Dissertação de Mestrado. Contudo, neste artigo, dou ênfase a uma destas séries, denominada *O quartinho de brinquedo*, da qual é composta por dois livros-objeto denominados: *A Casinha* (Imagens 1 e 2) e *O Báu* (Imagens 3 e 4).

O livro-objeto surgiu como uma solução na construção prática do trabalho, sempre relacionado as questões que permeavam o trabalho, às memórias, arquivos, caixas e a materialização das peças que propunha realizar. As peças foram pensadas a partir do contexto da casa onde morei quando pequena. A série em questão, representa o quarto onde brincava e guardava os brinquedos, as bonecas, os jogos e possuem formato variado ao do livro tipo códex, mas também não se restringem a livros escultóricos, contemplando tanto a forma escultórica como a interação e manuseio em algumas partes. Tratam-se de caixas feitas em madeira que se abrem em diferentes etapas, revelando progressivamente seu conteúdo em uma série de compartimentos.

Guangioli (2005) comenta a respeito do livro-objeto: “Este objeto propõe convidar ao prazer tátil e visual, é portador de uma linguagem experimental que

ultrapassa os limites impostos pelo livro e pela obra de arte. Ele se coloca em um plano limiar e se abre a uma nova leitura” (GUANGIROLI, 2005, p. 66).

Ao manusear e abrir os compartimentos dos livros-objeto, são encontrados dois momentos em que represento as imagens recordadas: 1º Ao lembrá-las, as desenhei e as transferei para a gravura em metal, gravando através das técnicas de água-forte e relevo (rebaixamento). 2º É quando as lembrei através de objetos (bibelôs) que tenho guardados até hoje. Fotografei e trabalhei as imagens na gravura em metal. E, em alguns momentos, utilizo diretamente os bibelôs nos trabalhos.



Imagem 1 – *A casinha*, da *Série O quartinho de brinquedo*, 2015. Livro-objeto. Madeira, calcografia e objetos. 14cm x 23cm x 37cm. Acervo do(a) artista. Foto: Vicent Lyh.



Imagem 2 - Detalhe de *A casinha*, da *Série O quartinho de brinquedo*, 2015. Livro-objeto. Madeira, calcografia e objetos. 14cm x 23cm x 37cm. Acervo do(a) artista. Foto: Vicent Lyh.



Imagem 3 - *O baú*, da *Série O quartinho de brinquedo*, 2015. Livro-objeto. Madeira, calcografia e objetos. 18cm x 24,5cm x 13cm. Acervo do(a) artista. Foto: Vicent Lyh.



Imagem 4 - *O baú*, da *Série O quartinho de brinquedo*, 2015. Livro-objeto. Madeira, calcografia e objetos. 18cm x 24,5cm x 13cm. Acervo do(a) artista. Foto: Vicent Lyh.

O Quartinho de Brinquedos

No quarto de brinquedos, brincávamos minha irmã e eu e, às vezes, mais alguns amigos. O quarto não era grande, mas era um lugar de encontro, de amizade e de muita imaginação. Por horas, brincávamos de pé, sentados no sofá ou no chão, alguns brincavam com as bonecas, outros preferiam os jogos de tabuleiro ou de carta que ficavam guardados nas gavetas da cômoda. Também brincávamos com as miniaturas da estante em forma de casa que meu avô Armindo construiu. Nas tardes, em meio às tantas brincadeiras, fazíamos uma pausa: era a hora do lanche! A “táta” Marlene fazia lanches para todo mundo, torradas e achocolatado. Após o lanche, voltávamos para o quarto e lá seguíamos até o entardecer.

O quatinho de brinquedo, como costumávamos chamá-lo, era o lugar que mais gostava na casa. Lembro-me dos detalhes, dos objetos e dos brinquedos sobre as estantes. Tínhamos coleções de bonecas de plástico e papel, também de papéis de cartas e das surpresas que vinham no *kinder ovo*. Tínhamos toda a casinha da Barbie, os cômodos, os acessórios e ainda um grande baú cheio de roupas que minha mãe e avó faziam para vesti-las. As roupas eram feitas com retalhos de malhas e tecidos que sobravam da malharia de meus pais. Além das estantes, compunha um sofá de três lugares que fora forrado por minha mãe, uma mesa de centro, um baú de madeira e uma cômoda com três gavetas e duas porta centrais. Nela, guardávamos desenhos, jogos e miudezas como lápis de cor, canetinhas, pincéis, tintas e demais materiais escolares organizados em caixas dentro das gavetas.

A série aqui apresentada é constituída por dois livros-objeto, ambos pensados e projetados com referência em dois móveis do quarto de brinquedos: a estante rosa em forma de casa e o baú onde guardávamos as roupas das bonecas. Essa série representa fragmentos de narrativas contadas, compõem visualmente quem sou, e ao passo que são visualizadas, passam a compor a bagagem visual das pessoas, criando novas narrativas, novas histórias.

Sobre o Livro-objeto, Doctors (1994) afirma que os livros-objeto não se prendem a padrões de funcionalidade ou de forma, ultrapassam a fronteira livro, rompendo fronteiras atribuídas a livros de leituras e assumem-se como objetos de arte. Representam uma narrativa plástica em vez de literária. O livro-objeto é um cruzamento

que estabelece um novo campo. Neste caso, refiro à relação estabelecida entre objeto e leitor, podendo ser semelhante ao diálogo que acontece quando se visita a obra *Os bichos* de Lygia Clark (1920-1988), onde a estrutura dos bichos reage como um organismo vivo e com movimentos próprios às estimulações do espectador (Clark, 1998, p.121). No Brasil, assim como Lygia Clark, outros diversos artistas produziram livros-objeto, como Antonio Dias, Augusto de Campos, Arthur Barrio, Mira Schendel, Waltércio Caldas, Júlio Plaza, Lúcia Pape, entre outros.

Quando falamos em livros-objeto, é relevante falar da obra *Museu Portátil* do artista Marcel Duchamp (1887-1968). Essa obra foi confeccionada em três edições em forma de caixa: a *Caixa* de 1914, a *Caixa verde* de 1934 e a *Boîte em Valise* de 1941. Em específico, a obra *Boîte em Valise* (Imagem 5), Duchamp trabalhou com a sequencialidade de leitura, na reprodução de quase toda sua obra, que executou pouco a pouco durante o período de 1935 a 1941, chegando a um álbum que tomou a forma de uma caixa que se abre em variadas etapas, revelando seu conteúdo em distintos mostradores. É uma caixa desmontável, revestida em couro e contendo cópias fiéis em cores, estampas, objetos reduzidos de vidro, *ready-made*, pinturas, aquarelas e desenhos. São dezenove itens representando quase a obra completa de Marcel Duchamp, produzida entre 1910 e 1937. (PANEK, 2005, p. 4-5)



Imagem 5 - Marcel Duchamp (1887-1968). *Caixa em uma valise (Boîte em valise)*, 1941. Valise de couro contendo miniaturas de réplicas e cores reproduções de obras de Duchamp, e uma fotografia com grafite, aquarela, e adições de tinta, 40,7 x 37,2 x 10,1 cm. Coleção Peggy Guggenheim, Veneza. Foto: Sergio Martucci.

Os livros-objeto realizados nesta pesquisa, não restringem-se a livros escultóricos, mas também não são folheados como outros diversos tipos de livros de artista. Mantêm uma singularidade entre a forma do livro convencional e a escultura, tratando de ambas as questões na mesma materialidade. Possuem forma escultórica, tridimensional, são manuseáveis e não se completam sem a interação do leitor.

Para Andriolli (2004, p.52), o livro-objeto talvez seja a única subcategoria dentro do livro de artista que possa ser realmente diferenciada das demais, são obras raras, muitas vezes únicas ou com tiragens extremamente reduzidas. A leitura estética do livro-objeto não tem a formalidade do livro comum; aquele ultrapassa a linearidade da escrita e do modelo tradicional. Não há um código de linguagem escrita, o que existe é uma linguagem puramente experimental.

Referências

- ANDRIOLLI, Nancy Picarone. **O livro objeto**. Monografia apresentada à Faculdade Senac de Comunicação e Artes, curso de pós-graduação em comunicação e artes (especialista em Designer Gráfico), São Paulo-SP, 2004.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução Antônio da Costa Leal e Lúcia do Valle Santos Leal. São Paulo: Abril Cultural, 1974 (coleção os pensadores).
- _____. **A Poética do Devaneio**. São Paulo, Brasil: Editora Martins Fontes, 2009.
- CLARK, Lygia. **Lygia Clark in os bichos**. Barcelona: Ed. Fundació Antoni Tàpies, 1998.
- DOCTORS, Marcio. **A fronteira dos vazios**. Rio de Janeiro: Ed. CCBB, 1994.
- GUANGIROLI, Solana Maria Lia. **Memórias da mesa: a construção de uma história através dos objetos cotidianos**. 137 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, 2005.
- IZQUIERDO, Iván. **Memória**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.
- LONGONI, Anna M. **A memória: nós somos o que lembramos e o que esquecemos**. Tradução Euclides Balancin, Débora de Souza Balancin. São Paulo: Paulinas: Edições: Loyola, 2003. (coleção para saber mais, 7)
- Marcel Duchamp**. Disponível em: <<http://www.guggenheim.org/>>. Acesso em maio de 2015.
- PANEK, Bernardette. **O livro de artista e o espaço da arte**. III Fórum de Pesquisa Científica em Arte. Escola de Música e Belas Artes do Paraná, 2005.
- SILVEIRA, Paulo. **As Existências da Narrativa no Livro de Artista**. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, 2008.